



Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 10

Ana Maria Dubeux¹ e Vanessa Pereira de Jesus²

¹ Professora da UFRPE, mestrado em Educação (USP), doutorado em Sociologia (Universite de Paris I - Pantheon-Sorbonne). E-mail: anadubeux66@gmail.com; ² Doutora em Produção Vegetal e mestre em Produção Vegetal (UENF). E-mail: nessapjesus@hotmail.com

O processo de educação tradicional foi, e ainda é, cartesiano na transmissão de conhecimento em algumas instituições ancoradas no tecnicismo. O sujeito é excluído do processo de aprendizagem desconsiderando suas experiências de vida, sua cultura, etnia, o seu saber e suas especificidades. Podemos ter como exemplo no espaço agrícola a exclusão de agricultores familiares e movimentos camponeses, pois, são considerados como atrasados, pois adotam poucas tecnologias, não sendo assessorados por órgãos de pesquisa, ensino e extensão incentivando-os ao desenvolvimento local. Nesse contexto a educação é apresentada como instrumento para formar indivíduos que reproduzam a concepção capitalista. A ciência agroecológica surge como alternativa norteadora que atenda às necessidades dos camponeses, de comunidades tradicionais e também urbanas, buscando ferramentas de valorização e visibilização dos seus saberes, no sentido da sua autonomia, orientadas por bases sustentáveis.

Educação em Agroecologia: Resistências e lutas pela democracia. Esse é o tema do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia onde serão apresentados relatos de experiências em educação com o enfoque agroecológico com o objetivo de identificar, sistematizar, refletir e articular experiências e indicar caminhos para seu fortalecimento. É importante ressaltar que o debate da Educação em Agroecologia é relativamente recente no Brasil e os debates e reflexões em torno da questão ainda são necessários.

Em nosso Roda de Diálogos recebemos um total de dez trabalhos oriundos de três regiões do país (3 da região Norte, 1 do Nordeste e 6 do Sudeste), cujas temáticas variavam bastante. A maior parte dos trabalhos está vinculada aos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs), o que demonstra sua importância para provocar na academia um novo olhar sobre a Educação em Agroecologia e sobre a construção do conhecimento, a partir do diálogo com os/as camponeses envolvidos/as no processo.



Um olhar transversal sobre os trabalhos permite ainda observar que eles versam sobre alguns temas centrais: educação no campo, feminismo, juventude, reforma agrária e cultura. Para além dos temas, é importante ressaltar as inovações metodológicas que os trabalhos apresentam no fazer pedagógico, dentre as quais destacam-se as caravanas agroecológicas, importantes instrumentos de vinculação ao território, através da promoção de debates e reflexões sobre a agroecologia. Em termos sucintos, passamos agora à síntese dos trabalhos.

O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata de Minas Gerais, traz o único trabalho sobre **feminismo** da nossa roda. O trabalho cujo título é “**Emancipação e lutas feministas na zona da mata mineira: um ensaio sobre o programa de formação em Feminismo e Agroecologia – PFFA**” analisa o referido programa construído pelo GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), cujo objetivo é reconhecer o trabalho das mulheres agricultoras e valorizar as inovações realizadas por elas nos sistemas de produção a partir das experiências agroecológicas. O papel do GT Mulheres da ANA tem sido de promover processos que reconheçam, valorizem e deem visibilidade ao trabalho das mulheres na agricultura familiar e camponesa, especialmente no que se refere à agroecologia. O diferencial nas estratégias do GT Mulheres que explique a sua coesão e força, foi a sua aposta numa ação descentralizadora e regionalizada, onde o PFFA se insere como parte dessa estratégia. O trabalho discute a questão da construção do conhecimento agroecológico a partir de ferramentas como o Mapa da Sociobiodiversidade que permitia um exercício de visibilidade da divisão sexual do trabalho, ou ainda a Caderneta Agroecológica, instrumento de monitoramento da produção agroecológica que permite aplicar os princípios da economia feminista para a valorização do trabalho reprodutivo, bem como a transformação na vida das mulheres, através de uma maior autonomia a partir, por exemplo, dos quintais produtivos.

Outro trabalho único em termos de temática (**reforma agrária**) tem o título “**Romper as cercas da ignorância que produz a intolerância: educação agroecológica como emancipação. Análise do estudo de caso PDS Osvaldo de Oliveira no Rio de Janeiro**”. O relato de experiência analisa uma construção coletiva, que contou com múltiplas parcerias: da academia, poderes públicos, organizações de direitos humanos, envolvendo várias áreas do conhecimento. O elemento



fundamental para a construção desse modelo alternativo de assentamento veio a partir das famílias beneficiárias, na medida em que seus conhecimentos, suas vivências e experiências refletiram a construção do projeto. O processo de organização para pressionar a desapropriação da propriedade que se transformou em acampamento, e agora assentamento Osvaldo de Oliveira, envolveu parcerias e formação das famílias em agroecologia no território que estava sendo reivindicado. A formalização de práticas que conciliem parâmetros socioeconômicos e ecológicos no contexto da reforma agrária é extremamente necessária para a potencialização do manejo racional dos recursos, sendo uma criação de uma modalidade de assentamento que propicie a ocupação de áreas, com potencial de manejo econômico, seus recursos naturais e valorização cultural, fundamental para a conservação da biodiversidade local. O vínculo entre reforma agrária e território é explícito no trabalho, que faz uso da Educação em Agroecologia para analisar o itinerário vivido pelas famílias na busca da construção efetiva de produção sobre o território, tendo como base o reconhecimento dos seus saberes locais.

Na temática da **juventude** temos dois trabalhos. O primeiro deles intitula-se “**Agrofoto: Um olhar juvenil sobre as práticas camponesas**”, que traz a experiência do Coletivo Agrofoto composto por jovens, de 10 a 18 anos do povoado rural da Serra do Machado, e que mistura fotografia e agroecologia e nos traz uma reflexão interessante entre cultura e educação agroecológica desenvolvida pela Fundação JCPM. O grupo de jovens promove a agroecologia a partir de encontros semanais para debater, pesquisar e divulgar temas com interface agroecológica, dialogando com práticas locais. Há o registro diário dos encontros e o repasse periódico dos resultados pesquisados para a comunidade através de impresso (revista) ou mídia virtual (facebook). A visibilidade que o coletivo oferece às práticas agroecológicas locais esquecidas ou pouco valorizadas ressignifica a agricultura camponesa e suas tradições. Fortalecer o coletivo, ampliar seu conhecimento e alcançar outros jovens e camponeses é a perspectiva de reinvenção cotidiana que garante a permanência da energia juvenil implicada na construção de um mundo melhor.

O segundo trabalho que discute a temática da juventude, cujo título é “**Juventude numa formação agroecológica**”, nitidamente escrito por um/uma jovem, relata uma experiência pessoal de participação em um curso de formação de jardineiros desde a ótica da agroecologia numa escola



de ensino médio. O curso foi organizado a partir do “Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) criado pelo Governo Federal em 2011 numa escola do município de Silva Jardim – RJ. O desenvolvimento de ações vinculadas à agroecologia neste município é de extrema importância, pois nele encontra-se a Rebio de Poço das Antas e a APA da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado. O processo educativo envolveu pais, estudantes e pessoas da comunidade e foi muito importante para desenvolver a vontade de “plantar de um jeito diferente”: uns continuam cultivando em seus quintais uma coleção de plantas medicinais, outros plantam espécies nativas em matas ciliares do rio da cidade, outro fez estágio na EMATER e outros organizaram uma feira viva no município, onde arte e agroecologia se encontram.

Um outro tema importante que aparece em um dos trabalhos é a **Educação do Campo**, fundamental no processo de consolidação da proposta de Educação em Agroecologia. O trabalho “**Projeto árvore da leitura no Reassentamento Flor da Serra, em Porto Nacional – TO**” analisa o trabalho desenvolvido na Escola Municipal Carmencita Matos Maia, no Reassentamento Flor da Serra, em Porto Nacional- TO, escola frequentada principalmente por crianças atingidas por barragens. A metodologia inclusiva e os processos educativos pautados no construtivismo e no “aprender a aprender” foram a tônica deste trabalho que evidencia a Educação em Agroecologia como formadora de práticas sustentáveis, entrelaçando os princípios da educação em agroecologia: vida, diversidade, complexidade e transformação. O projeto desenvolve ações na escola, as quais contemplam a construção de identidades do campo, a valorização de seus atores, motivados pelo sentimento de pertencimento, a partir de um currículo vivo e significativo do que se aprende na escola. Interdisciplinaridade, ressignificação por meio de metodologias participativas e diálogo de saberes acadêmicos e populares, são apontados como essenciais para a promoção da emancipação e a formação de sujeitos protagonistas de sua história.

Uma outra tônica forte em nossa Roda de Diálogos foi o relato de experiências de como os **NEAs** vêm desenvolvendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão na consolidação da proposta de Educação em Agroecologia. O primeiro deles, cujo título é “**Aprendizados, experiências e resistências na práxis da educação em agroecologia no Nordeste do Pará**”, busca analisar os principais avanços e desafios das ações de Educação em Agroecologia



desenvolvidas pelo Núcleo de Agricultura Familiar e Agroecologia-NEA da Universidade Federal Rural da Amazônia/Campus Capitão Poço. O Núcleo desenvolve um processo continuado e participativo de construção do conhecimento com foco na agroecologia, aliando o conhecimento acadêmico e popular na busca de soluções para as problemáticas centrais de comunidades rurais, buscando alternativas transformadoras orientadas pelo desenvolvimento sustentável. Ao mesmo tempo, proporciona uma formação holística aos discentes da universidade. O território do Nordeste Paraense é uma das mais antigas áreas de colonização amazônica, oriundas das expedições exploratórias dos portugueses no interior do estado durante os tempos de colônia. As estratégias pautadas no difusionismo tecnológico não deram conta de proporcionar a população do território o desenvolvimento de suas potencialidades e, como consequência, há baixos índices de desenvolvimento humano na região, resultado de pouco acesso às políticas públicas promotoras de desenvolvimento rural. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão foi presente no processo de construção, adaptação, validação e transformação do conhecimento agroecológico, assim como a concepção de território que vai além da localização geográfica, mas que reconhece e valoriza a cultura e costumes. Os eixos temáticos como políticas públicas, manejo e conservação do solo, produção vegetal interagem entre si, de acordo com a necessidade e contexto de cada comunidade trabalhada e reforça o papel da inter, multi e transdisciplinaridade. Alguns eixos funcionam como temas transversais, dentre eles relação de gênero e economia solidária, que fortalecem o princípio “Sem Feminismo não há Agroecologia”.

Um segundo trabalho que retrata a ação dos NEAs intitula-se “**Agroecopedagogia: princípios e convergências metodológicas da prática educativa do grupo MUDA**”. O grupo MUDA surgiu em 2009 na Universidade Federal do Rio de Janeiro com a intenção de desenvolver metodologias alternativas emancipadoras, adotando os princípios da Permacultura e da Agroecologia. O trabalho tem como objetivo expor os potenciais e desafios das atividades vinculadas à Educação em Agroecologia, realizadas no projeto MUDA baseando-se na premissa que “ninguém saiba tanto que não aprenda e, nem saiba tão pouco, que não possa ensinar”, buscando entender a pedagogia de forma horizontal e não cartesiana. As primeiras atividades desenvolvidas foram grupos de estudo, que deram origem, no mesmo ano, a um campo



experimental em recuperação de áreas degradadas com manejo agroflorestal e compostagem de resíduos orgânicos. O campo experimental foi se desenvolvendo e o espaço foi nomeado em 2013 de “Laboratório Vivo de Agroecologia e Permacultura (LaVAPer)”. O LaVaPer é considerado um laboratório de pesquisa, mas também um espaço didático e laboratório de extensão, pela interação que possui com a comunidade local e visitantes. É um espaço aberto e o principal local das práticas de disciplinas, grupos de estudos, oficinas, pesquisas e minicursos do MUDA. A diversidade do público, áreas de estudo, faixas etárias e segmentos sociais que se encontram nesse espaço autogestionário, proporciona um compartilhamento de experiências de grande potencial transformador. Tal projeto criou uma disciplina de extensão e, além da atuação na universidade, a caracterização como projeto de extensão se dá pela realização de visitas a trilhas ecopedagógicas no LaVAPer, oficinas temáticas, atuação no Complexo da Maré, com oficinas temáticas e minicursos de agroecologia. O grupo foi expandindo e, a partir do agendamento de visitas à Trilha Ecopedagógica com turmas do ensino fundamental da Escola Municipal Tenente Antônio João, inicia-se um trabalho de educação ambiental com atividades de ensino, pesquisa ou extensão.

Um terceiro trabalho que traz a reflexão dos NEAs vem do Acre e intitula-se “**Relato de experiência do Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia do Acre/ NEACRE no Campus Rio Branco Avançado Baixada do Sol do Instituto Federal do Acre em Rio Branco-AC**”. O Núcleo foi criado em 2010 abrangendo todos os *campi* do Instituto Federal do Acre, com o objetivo de contribuir para a ampliação da produção científica e a extensão rural a partir dos princípios da Agroecologia, em parceria com agroextrativistas e instituições de assistência técnica e extensão rural, tendo em vista a qualificação da educação profissional. As principais linhas de ação do núcleo são: Agroecologia na atenção às doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, Projeto Plantas que Curam: jardinagem ecológica e Produzindo Mudanças e Saberes. O trabalho enfatiza diferentes dimensões da agroecologia, a exemplo da saúde, da estética, da cultura, da produção agroecológica, entre outras. Ele aponta ainda a relação existente entre os desafios das ações do projeto e aqueles encontrados na implementação do Curso Técnico em Agroecologia, que suscita um debate sobre a questão do mercado de trabalho para o agroecólogo, bem como a opção política de trabalhar com a agricultura familiar ou com o agronegócio. E finalmente, o trabalho destaca a importância da



articulação em rede para fortalecer e garantir tanto a qualidade teórica, quanto o trabalho coletivo nas ações do núcleo.

Finalmente, chegamos nos dois últimos trabalhos relacionados à ação dos NEAs que enfocam as caravanas agroecológicas da Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste. Viabilizadas pelo Projeto Comboio Agroecológico, através da chamada 81/2013 do CNPq, as caravanas agroecológicas do Sudeste possibilitaram a animação e fortalecimento desta e de outras redes de núcleos nos últimos dois anos e meio. As caravanas agroecológicas baseiam-se na construção de uma experiência concreta de educação popular, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão em agroecologia. Na caravana, foram utilizadas diferentes abordagens metodológicas, as quais fomentaram a consolidação de relações e processos coletivos, através de um “colorido” de metodologias educativas tais como: instalações artístico pedagógicas, excursões científicas, boletins informativos, filmes e cursos presenciais e à distância.

O primeiro trabalho, cujo título é **Viagens e Vínculos: A experiência das Caravanas do Projeto Comboio Agroecológico como processo educativo**, destaca a importância das caravanas agroecológicas e culturais como sendo o coração da experiência de articulação regional, comprometida com a construção do conhecimento e articulada com diferentes territórios e suas realidades. O trabalho afirma ainda que desde 2014 o movimento agroecológico passa a utilizá-las na preparação do III Encontro Nacional de Agroecologia¹ e, a partir de então, outros projetos, seminários e processos de mobilização das experiências agroecológicas passam a acionar as Caravanas como forma de articulação. O trabalho apresenta então a realização das cinco caravanas do Sudeste, que percorreram os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, sendo que no caso de Minas Gerais, a tragédia do Rio Doce foi motivadora de duas caravanas.

O segundo trabalho vinculado às caravanas do Sudeste traz uma perspectiva inovadora de vinculação da agroecologia à cultura. Com o título **“Viola Caipira: Prosas e Caminhos de Aprendizagem na Caravana Agroecológica do Sudeste”**, o trabalho ressalta a importância da

¹ ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. “O legado das caravanas agroecológicas rumo ao III Encontro Nacional de Agroecologia”. Disponível em <<http://www.agroecologia.org.br/2014/03/18/o-legado-das-caravanas-agroecologicas-rumo-ao-iii-encontro-nacional-de-agroecologia/>>



cultura popular na promoção da agroecologia através do uso da viola caipira. O relato faz a articulação dos saberes científico com o popular, através do diálogo da potencialidade do instrumento da viola caipira junto aos agricultores e pesquisadores e como elemento importante para a formação em processos de transição agroecológica. Segundo os autores, através desta experiência, há um enriquecimento dos processos de Educação em Agroecologia, pois incentiva um olhar pautado em valores que a cultura caipira pode contribuir.

Reflexões sobre a síntese

A síntese apresentada, reduz certamente a diversidade e a beleza dos trabalhos aqui presentes. Entretanto gostaríamos de tecer comentários mais gerais sobre os trabalhos, buscando interagir com o debate acumulado na ABA-Agroecologia sobre a questão da Educação em Agroecologia.

Já no primeiro SNEA dizíamos que a “Educação Formal em Agroecologia não se dá de uma única forma. Na educação profissional e superior, ela pode acontecer em diferentes espaços e processos de ensino, seja nos cursos de Agroecologia ou com ênfase em Agroecologia, ou com enfoque agroecológico (de diferentes níveis educacionais e a partir de seus projetos político-pedagógicos); seja nas disciplinas de Agroecologia e/ou temas correlatos oferecidos em diferentes cursos; seja nas práticas e vivências educativas de campo orientadas pela pesquisa e extensão e pela relação escola-comunidade; seja, também, nas atividades extra-curriculares que enriquecem processos de ensino-aprendizagem em Agroecologia, protagonizadas por iniciativas coletivas, entre elas as iniciativas dos estudantes. Assim, consta-se que a Educação Formal em Agroecologia não se resume a um “curso ideal”, com currículo e métodos predefinidos”.

A partir desta reflexão, percebe-se que os trabalhos apresentados avançam nas vivências e práticas que se articulam com a realidade de forma diversa e significativa, envolvendo diferentes sujeitos das instituições educativas e articulando-se com grupos de agricultores/as, movimentos sociais, políticas públicas, entre outros. Entretanto, pouco foi trazido dos avanços em termos das estruturas e consolidação institucional da agroecologia em termos da criação de cursos, disciplinas, entre outros. Neste sentido, é importante refletirmos sobre a questão: Em que medida as ações que



estamos desenvolvendo vêm contribuindo na institucionalização do ensino de agroecologia nos diferentes níveis (ensino médio, educação profissional, ensino superior – graduação e pós-graduação)?

Uma outra questão importante a refletir, também em relação aos resultados do I SNEA, é a relação das experiências com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia definidos naquele encontro. Vida, complexidade, diversidade e transformação são os princípios. Percebe-se claramente que eles encontram-se presentes de maneira transversal nos trabalhos. No entanto, nenhum dos trabalhos parece aprofundar este debate no sentido de avançar em relação ao que foi proposto naquele evento. Neste sentido, propomos esta reflexão: Que aspectos podem ser acrescentados ou retirados dos princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia definidos no I SNEA?

Finalmente, destacamos dois aspectos importantes presentes nos 10 trabalhos: a vinculação com o território e a educação contextualizada. Os trabalhos demonstram que estes dois elementos são fundamentais na proposição de um debate, tanto da concepção (princípios e diretrizes), quanto do currículo e da metodologia, entre outros. Apesar de termos conseguido avançar no I SNEA nos princípios e diretrizes, ainda precisamos ir além na discussão dos demais pontos. E assim, problematizamos uma reflexão importante: Como temos buscado em nossas instituições aprofundar o debate da Educação em Agroecologia, na relação teoria-prática, buscando redefinir estruturas curriculares, concepções e metodologias desde uma ótica articulada, interdisciplinar e focada nas problemáticas apontadas pela realidade?

Uma última preocupação parece emergir dos trabalhos: a regulamentação profissional dos profissionais formados em nossas experiências de educação em agroecologia. Quais são os campos de atuação profissional para o agroecólogo? Quem regula? Que estratégia política de articulação definimos como prioritária para este debate em nível nacional?

Ficamos por aqui....Que venha o debate !!!